

Ir à Net no tempo livre: apropriações juvenis da Rede no seio duma biblioteca pública

Resumo:

Estudo e análise críticos de como um grupo de jovens utiliza a Net para passar o seu tempo livre numa biblioteca pública, como o experienciam, valorizam e sentem, que novos hábitos adquirem. Assume-se que a adolescência é um período da vida em que a maneira de passar o tempo livre serve para explorar e desenvolver capacidades relacionais, emocionais, cognitivas, para criar e consolidar formas de identidade individual e grupal em processos de socialização que, em grande parte, tomam a forma de preparação para uma vida adulta próxima.

On étudie et analyse critiquement comment un groupe de jeunes utilise l'Internet pour passer son temps libre dans une bibliothèque publique, comme ils l'expérimentent, le valent, le sentent, quelles nouvelles habitudes sont acquises. On assume que l'adolescence est une période de la vie dans laquelle la manière de passer son temps libre sert à explorer et à développer des capacités relationnelles, émotionnelles, cognitives, pour créer et consolider des formes d'identité individuelle et groupale dans des processus de socialisation qui, en grande partie, prennent la forme de préparation pour la vie adulte prochaine.

Study and critical analysis of how a group of young people uses the Internet to spend their free time in a public library, how they experience, value, and feel it, and what new habits are acquired. It is assumed that the way free time spent in adolescence is used to explore and develop relational, emotional and cognitive abilities, to create and consolidate individual and group forms of identity through processes of socialization which, in great part, take the shape of preparation for a forthcoming adult life.

Palavras chave:

Internet; lazer; jovens; bibliotecas públicas

Introdução

As bibliotecas públicas só poderão continuar a ter um papel importante na sociedade se se converterem em espaços de lazer e de interação social, que em muitas comunidades não encontram alternativa, o que em nada colide, pelo contrário, com a exploração das capacidades das novas tecnologias, e da Internet em particular, na criação e promoção de novos serviços.

E porque na juventude as actividades de relação e integração social assumem um papel importante no desenvolvimento pessoal, pareceu-me ser de interesse investigar a utilização da Internet como forma de lazer.

Na linha de Virno, 2003: 93, considero que o seu uso como ferramenta relacional poderá ser também encarado como uma aquisição de competências fundamental:é

certo que as conversas e a curiosidade permanecem confinadas ao universo extralaboral, ao tempo livre, nas horas de divagação e de lazer? [...] não há lugar para supor que estas atitudes se tenham tornado o «pivot» da produção contemporânea, na qual domina a acção comunicativa e se valoriza ao máximo grau a capacidade de a manejar com destreza em todas as tarefas, incluindo através de contínuas inovações? [...] Na minha opinião as conversas constituem a matéria-prima do virtuosismo pós-fordista.

Em muitas bibliotecas o acesso à Internet é objecto de control mais ou menos explícito, enquanto para outros suportes a legitimação ideológica fica mais ou menos velada – como processos de construção e legitimação do gosto e do conhecimento que são, como Bourdieu (1979) analisou.

Assim, espera-se que em bibliotecas com acesso gratuito possam ocorrer casos de forte utilização que não se possam compreender pela simples disponibilidade. Esperar-se-ia também que as ditas actividades de relação e interacção se desenvolvam também no seu seio e que a apropriação juvenil da Internet para lazer também o reflecta, dando uma nova dimensão ao seu papel como propiciadoras de usos das *novas tecnologias de relação*, na feliz designação de Gil et al. (2003: 6), e como facilitadoras de leituras em múltiplos suportes.

Objectivos

Dum ponto de vista teórico, compreender como um grupo de jovens (15 a 24 anos) utiliza a Internet em actividades de lazer na Biblioteca de Santa Maria da Feira, para quê, valores e significados atribuídos no contexto das suas relações sociais e práticas quotidianas, incluindo as desenvolvidas na própria biblioteca, foram objectivos; dum ponto de vista pragmático, informar e sustentar medidas de promoção do uso da Internet na referida biblioteca para este segmento etário.

Metodologia

Propus-me utilizar a metodologia qualitativa como a mais adequada por pretender estudar discursos, condutas e representações de pessoas com características diversificadas no contexto em que as suas interacções pessoais se produzem; ao pretender desvendar os significados que os próprios actores atribuem às ditas práticas através duma análise profunda e intensiva (Patton, 1990; Silverman, 1993).

Adequada é também à integração de diferentes técnicas de recolha de informação como as que me pareceram importantes neste caso:

- entrevistas em profundidade a 30 jovens, mediante amostra de conveniência;
- observação das suas práticas e condutas no espaço da biblioteca;

A construção de teoria *a partir dos dados* de maneira criativa, não preconcebida, na linha da *grounded theory*, foi procurada de forma a obter uma *visão profunda, aumentar o conhecimento* e fornecer um *guia significativo para a acção* (Strauss e Corbin, 1998: 12).

Nas entrevistas utilizaram-se as seguintes interrogações:

- de que maneira os jovens estão a utilizar a Internet, apropriando-se dela nos seus momentos de lazer na biblioteca (ou se a não utilizam porquê);
 - que serviços utilizam? (chat, mensagens, navegação em Sítios Web)
 - para que os utilizam?
 - quando os utilizam? (actividades regulares ou esporádicas e sua inserção nas actividades quotidianas)
 - como aprenderam a utilizá-los?
 - há dificuldades / obstáculos no seu uso?
 - que papel e que significado atribuem a esse uso?
 - qual é a importância que lhes atribuem?
 - os seus quotidianos modificaram-se pelo seu uso?
 - têm acesso ao mesmo tipo de recursos noutros meios?
 - de que maneira essas práticas lhes permitem inserir-se, manter-se, em redes sociais ou não?
 - o consumo nessa situação é sentido como uma forma de inclusão?

Quadro teórico

As TIC, e em particular a Internet, estão a ser utilizadas para a criação ou manutenção de relações sociais, para aceder a informação, para a difundir (Wellman, 2001; Gil et. al., 2003).

Perspectivas sociológicas do lazer

Joffre Dumazedier (1971, cit. por Piño Artacho, et al. 2001) refere os diferentes tempos sociais como socialmente construídos: trabalho, obrigações familiares, obrigações socio-espirituais, socio-políticas e tempo livre. Este, liberto de obrigações, fica disponível para actividades de lazer de acordo com gostos e contextos socio-culturais, económicos, idade, género.

Na sociedade industrial o lazer generaliza-se aos assalariados. Contudo não se opõe ao trabalho – a ociosidade nega o trabalho, o lazer supõe-no (Dumazedier, 1988: 18). Tão pouco significa inactividade: nas sociedades tradicionais o tempo que sobrava seria desocupado, trabalho e diversão estando mais associados; na modernidade a ocupação do tempo livre dos possidentes torna-se uma preocupação para eles próprios e para os poderes político e religioso – mas a sua ociosidade, para eles sim, substituíam o trabalho (Dumazedier, 1974). A secularização, a ascensão dos valores da individualidade, a industrialização criaram as condições para um novo tipo de lazer: as obrigações rituais comunitárias não regulam totalmente as actividades, separa-se claramente trabalho doutras ocupações. A economia de consumo de massas requer tempo livre para consumir mais, incluindo os produtos culturais. Os governos passaram a dedicar programações para tempos livres. De acordo com Otto Newman (apud Clarke e Crichter, 1985), isto fez com que o lazer se tenha rotinizado e massificado, tal como o trabalho.

Revolução cultural do tempo livre foi a expressão cunhada por Dumazedier (1974) para esta nova realidade: perda de peso relativo do trabalho, influência do lazer nesta esfera. Assim se modificou *a relação com o próprio, a relação com os outros, a relação*

com o meio (p.68). O lazer surge como tempo para a realização da pessoa como fim único, como novo direito social.

Ken Roberts (*Contemporary Society and the growth of leisure*, 1978) define lazer como uma área de liberdade relativa, em crescimento desde o final da Segunda Guerra por questões demográficas e económicas, e por isso se opõe à teoria da sociedade de massas. O põe-se também à investigação sobre recreação por ignorar as *grandes cinco* actividades de lazer (ver televisão, beber álcool, fumar, fazer apostas e fazer amor), assim com as distintas motivações para a escolha dessas actividades para além da pura recreação, como a socialização, por exemplo, associada a práticas desportivas. As teorias da dominação de classe vêm, em sua opinião, os meios de comunicação social como formas de control, ignorando o seu papel de denúncia. Defende, pelo contrário, um modelo pluralista onde o lazer estaria delimitado pela opção individual, embora não totalmente livre de outras influências como a pertença a redes sociais, em particular a familiar, e condicionado pelo nível de vida. Opõe-se também às políticas de planificação do lazer que só deveriam intervir para compensar as desigualdades. Recusa por fim uma análise com base nas classes sociais e nos géneros, relegando essas desigualdades a um resíduo no âmbito das opções do consumidor.

Posição oposta defendem Clarke e Crichton (1985) em *The devil makes work: leisure in capitalist Britain*. Criticam o obscurecimento do carácter social da agência social no lazer, ao considerar apenas indivíduos face a um mercado. Para além disto, o consumidor pode decidir não comprar mas não pode decidir o que se produz.

Chamam a atenção para o facto de existirem poderes de compra e ofertas diferenciadas para diferentes grupos, como reflexo de constrangimentos económicos, do tempo livre disponível, dos constrangimentos sociais e normas culturais. Assinalam o papel do estado ao compensar as deficiências do mercado e subsidiar as actividades para públicos mais restritos ou não lucrativas, ao fornecer infra-estruturas de outra forma economicamente inviáveis. E sobretudo no papel do sistema educativo de massas em preparar a população para o gozo do lazer.

Roger Sue (1995: 108), em *Temps et ordre social*, e referindo Dumazedier, faz notar que a sociologia do lazer se erigiu sobre o mito da *civilização do lazer* e que não se conseguiu libertar da dominação da sociologia do trabalho por ter nascido no seu seio. Frisa que ao lazer se associa diversão ou mesmo futilidade. Com um tempo livre cada vez mais preenchido por actividades diversificadas – *bricolage*, autoformação, actividades familiares e de socialização – que dificilmente se enquadram na categoria lazer, tão pouco podem ser consideradas secundárias face a um tempo de trabalho primário.

A sociologia entra numa nova etapa ao passar do *lazer* – objecto de *apreensão psicológica* – ao *tempo livre* – objecto de análise sociológica e à medida que se liberta do marco do trabalho e de uma *lógica de actividade para uma lógica temporal simbolizada pela noção de tempo livre* (Sue, 1995: 113).

Em oposição a Dumazedier, vê na evolução da repartição quantitativa dos tempos sociais uma mudança de sociedade. Foca a mudança de valores que se produziu, ao relativizar o peso do trabalho, aos novos valores associados à família, ao amor, à autonomia e à realização de si. O próprio trabalho está a ser influenciado por esta nova

gama de valores: valoriza-se cada vez mais a autonomia, o tempo livre, a escolha de horários, o ambiente e a convivialidade.

Chris Rojek (1995) argumenta que não será possível entender o lazer se o separarmos do resto da vida, como se tivesse leis, propensões e ritmos próprios. Considera que o lazer seria uma *cultura donatária da política do lazer*, concebida estreitamente numa relação de primeira ordem com os interesses e actividades que levam a uma recarga de energias do indivíduo (Rojek, 1995: 173), o que associa à modernidade fordista do *homo faber*. O verdadeiro lazer está associado a escape e enriquecimento pessoal e por isso a ética da primeira modernidade tendia a valorizar as vidas construídas em seu redor como *moralmente inferiores ou moralmente suspeitas* (p.188). Defende uma abordagem mais associada ao *homo ludens*, em que o lazer seja encarado como reflectindo e dando forma às necessidades e motivações humanas de *maneira transversal a todas as suas actividades*. A sua principal preocupação, em *Decentring leisure*, é o descentramento da análise do lazer a partir duma óptica moderna e capitalista, a que associou lazer e *verdadeira experiência, desprendimento, escape e liberdade* (p. 1). Descentrar assume um duplo sentido: do objecto lazer em si, isolado, para os contextos da sua significação e problematização; a pós-modernidade necessita de novas interpretações para o que se exige a sua re-contextualização.

Gershuny (2003), duma perspectiva de sociologia económica, em *Changing times: work and leisure in postindustrial society*, questiona a ideia generalizada de que na contemporaneidade se trabalha menos. Gershuny e Kimberly (2000), para um estudo realizado no Reino Unido, concluíram que o tempo dedicado ao trabalho pago vem decrescendo, embora não de forma regular, com um aumento por volta dos 90. Surpreendentemente concluiu que o tempo de trabalho doméstico aumentou um pouco pela redução na contratação de pessoal para este fim. O cuidado com as crianças requer cada vez mais tempo, assim como as compras e as viagens domésticas. Nestas tarefas a ocupação dos homens continua a crescer um pouco, aligeirando a dupla carga das mulheres. Assim o tempo livre mediano cresceu cerca de 20 minutos nos últimos trinta e cinco anos, para os homens cresceu apenas uns poucos minutos, para as mulheres cresceu uns 40, ainda cerca de 50 minutos por dia menos que para os homens.

Para compreender se os tempos livres estão a crescer e de que maneira há que ter em conta modificações culturais que nos poderá levar a questionar a qualidade desse tempo livre: o tempo de preparação de alimentos diminuiu mas o tempo para os comer reduziu-se a metade. Com o centramento nos lares, a diminuição nas saídas para ver espectáculos é de metade, um terço: apreciam-se agora sobretudo através da televisão e da rádio.

Outra mudança económica é o surgimento dum sector produtivo dedicado ao lazer. Na economia de serviços as necessidades básicas são fornecidas por uma minoria da população, agora a maior parte da actividade centra-se no fornecimento de serviços para consumo de outros fornecedores de serviços. Com uma pequena parte da população, a classe dos serviços, produzindo serviços sofisticados para a grande maioria, conclui-se que são os pobres que empregam os ricos. Contudo admite que há grupos sociais para os quais mais actividades de lazer requerem mais horas de trabalho para as pagarem. Cita Steffan Linder na sua obra *The harried leisure class*, pelo efeito emulador de gotejo no consumo – as pessoas tentam emular os padrões de vida das classes posicionadas imediatamente acima. O que ocorre são diferenças

sensíveis no equilíbrio entre tempo de trabalho e tempo livre de acordo com grupos sociais e géneros: com o crescimento económico cada vez menos gente aceita desempenhar ocupações servis e são estas que se automatizam mais frequentemente; o autosserviço aparece, com gente a produzir e consumir ao mesmo tempo as suas coisas; à medida que a produção se torna mais complexa requer-se mais qualificação para as gerir, o que obriga alguns dos mais ricos e notáveis a trabalhar; a crescente qualificação das mulheres empurra-as para entrar no mercado do trabalho salariado e para não o deixar.

Gershuny adopta um duplo ponto de vista macro e microeconómico: se se gasta mais tempo para consumir bens são necessários mais bens: *o lazer de um é o trabalho de outro* (Gershuny, 2003: 103). Os efeitos da inovação tecnológica, da intervenção do estado, explicam a alocação do tempo.

Lazer e desigualdades – classe e género

O lazer iniciou o século como nome de uma classe e encerra-o como uma categoria de consumo (Gershuny e Fisher, 2000: 620) – em referência ao trabalho de Veblen (*The Theory of the Leisure Class*, 1899) como o primeiro que teorizou sobre esta nova realidade a carecer de estudo. Nesse momento o lazer estava associado a actividades reservadas à classe mais abastada sendo sinal de distinção social. Veblen caracteriza o efeito de *gotejo* atrás mencionado. O lazer torna-se honroso por associação à classe que o podia gozar.

Em 63 Edward Thompson escreveu *The making of the English working class*, apud Clarke e Crichton, onde as questões dos conflitos de classe aparecem como cenário para a vida cultural e a vida quotidiana das pessoas comuns, rompendo assim aquela orientação.

A partir dos anos 30, desemprego e pobreza crescem a par das variedades e da extensão do lazer, transformando-o de fenómeno periférico, a nível económico, em fenómeno central. Como eixos estruturantes do lazer, Clarke e Crichton referem a segregação, a especialização e a institucionalização. A segregação incidia a nível temporal, fins-de-semana e férias todos os anos e, a nível espacial, espaços de trabalho e de lazer que não se misturavam. Às segregações de classe e género aludimos já. A especialização era reforçada pela demarcação dos mercados de consumo e dos diferentes tipos de clientes que afluíam a espaços especializados: cinema, dança, desportos. A institucionalização permitiu incrementar lucros de actividades de consumo que se destinavam a crescentes e internacionalizados públicos. Mas as diferenças de género e classe permaneciam uma constante: podendo coincidir na frequência de espaços e actividades, como os espectáculos, observá-los a partir de certos lugares continuava um privilégio; as mulheres permaneciam também mais confinadas à esfera privada, as jovens ao que McRobie e Garber (1978) denominaram *culturas de quarto de dormir* (apud Hendry et al., 1993: 39). O tempo livre continua a ser, além do mais, um campo de disputa das reivindicações feministas, se bem que os homens continuem favorecidos na distribuição desigual dos tempos livres (Gershuny; Fisher, 2000).

Young e Wilmott, em *The symmetrical family*, caracterizam como o *princípio de difusão estratificada* a forma aparentemente igualitária de ocupar o seu tempo livre nas sociedades de consumo. A organização das famílias, cada vez mais nuclearizadas, unidades de consumo centradas nos lares e já não nas comunidades, onde os papéis

de género tendem a aproximar-se, facilitou esta transformação. Como numa coluna em marcha, com as pessoas à cabeça a ser as primeiras a inflectir numa direcção, à medida que a coluna avança os que ficam atrás acabarão por passar pelos mesmos pontos, com um atraso, ou seja, o *princípio igualitário funciona com uma diferença temporal* (apud Clarke e Crichter, 1985: 22). Todavia encontraram diferenças na ocupação do tempo de lazer mas em função de pertença a determinada classe ou género: no Reino Unido os homens das classes superiores passam mais tempo a praticar desportos, a ler, e as mulheres que trabalham por salário dispõem de menos tempo que os homens, em igual situação, utilizando-o em actividades menos diversificadas, mais confinadas ao lar e à sociabilidade com outras mulheres e familiares.

A esta visão se opõem Clarke e Crichter afirmando que as famílias se estão a diversificar e, sobretudo, que os processos de consumo se geram em meios exteriores às famílias. *A centralização nos lares pode ser uma opção activa mas é feita dentro dos constrangimentos da estrutura social* (p. 29).

Numa resenha histórica do lazer nos anos mais recentes, Clarke e Crichter, depois de abordarem as transformações pós-guerra já referidas, caracterizam os 60 como os anos dourados em que o lazer se generaliza e o crédito incentiva as compras que não de primeira necessidade. Destacam a emergência de seis tendências: ascensão de padrões de consumo doméstico; declínio de formas públicas de lazer em favor de um centramento no lar; surgimento das culturas jovens; novo estatuto para as culturas étnicas; incremento da actividade do estado em determinadas esferas; novas formas de domínio comercial das instituições e serviços de lazer. O estágio pós-industrial caracteriza-se pela realocação de trabalho e lazer, que não é para todos, mas que criou desemprego estrutural permanente para alguns. Portanto consideram que as modificações recentes não significam uma mudança profunda na sociedade, ao invés de Sue: *longe de minar a concentração do poder, algumas das mudanças sociais a que assistimos hoje parecem dispostas a aumentar a concentração de poder e controle* (Clarke & Crichter, 1985: 210).

Na monografia *Changing times* Gershuny assinala uma tripla convergência como pano de fundo: por nação, por género e por classes. A diferenciação social não se faz já tanto através do padrão de uso do tempo de consumo mas sim em termos do lugar ocupado ou de produtos e serviços cuja função é denotar riqueza.

Perspectivas psicológicas do lazer dos adolescentes

Para Hendry (1983), citado por Hendry et al. 1993, a adolescência caracteriza-se por três grandes fases consecutivas no desenvolvimento da competência social: observação dos pares; treino de competências e estratégias pessoais e sociais; experimentação de papéis e comportamentos com vista à sua aceitação pelo mundo adulto. O papel dos grupos de pares é central e as amizades exercem um papel importante e crescente ao suplementar a influência dos valores transmitidos por pais e mães e em preparar a progressiva independência emocional face a eles. São os pares que orientarão as suas aprendizagens em torno dos status emocionais adequados em distintos ambientes sociais, na expressão de empatia pelos outros e na crença crescente no poder do autoiniciação, um estado de autoconfiança em apresentar e executar planos no seio do seu grupo. O seu papel na socialização no que toca a interesses e comportamentos sexuais adequados é determinante.

Sintetizando, o *lazer desempenha um papel importante ao ajudar os jovens a fazer ajustamentos bem sucedidos nesta fase das suas vidas* (Hendry et al., 1993: 181). O processo de socialização pelos pares é reforçado pelo facto de os sistemas de ensino encerrarem os adolescentes nas escolas, afastando-os do convívio com adultos.

O lazer e os adolescentes

Naturalmente podemos-nos questionar se teorias do lazer criadas em torno do mundo do trabalho se podem aplicar àqueles que ainda não entraram nesse mundo. A adolescência é uma construção social recente: no século passado este termo começou a ser utilizado para designar uma fase da vida associada a um período em que os que foram meninos se desenvolvem e amadurecem até atingir a fase adulta. Actualmente este período prolonga-se cada vez mais, pela progressiva demora em assegurar autonomia financeira, integração no mercado de trabalho e abandono das casas paternas. Clarke e Crichton defendem que a adolescência está muitíssimo marcada por problemas de classe, género e etnia.

Com respeito à questão que abre esta secção, Clarke e Crichton defendem um que o chamado fosso geracional é mais ligeiro do que à primeira vista poderia parecer: a cultura juvenil opera dentro da distinção dominante entre lazer e trabalho – em geral a expressão dos seus estilos de roupa e cabelo reservava-se a locais de lazer sancionados; a sua cultura existia dentro de e reforçava a trama comercial estabelecida, contribuindo para a sua expansão; as ideias destas culturas juvenis não rompiam com os fundamentos da sociedade, sendo muitas vezes conformistas. Nos 60 os salários reais subiam, as famílias já não dependiam tanto dos contributos dos mais jovens que agora dispunham dum tempo que ia ser aproveitado pelas indústrias do lazer. A novidade consistiu em que os estilos de vida e a escala dessas práticas ganharam uma visibilidade até aí desconhecida. Nesses anos acreditou-se que os conflitos sociais se estavam a transmutar em geracionais, mas como demonstraram, entre outros Clarke et al., 1976 (apud Hendry, 1993: 5) *não existe uma «cultura jovem» [...] existe um sistema através do qual as culturas jovens se articulam com a cultura dominante via as suas culturas particulares próprias. Uma vez que as classes sociais são os grupos mais fundamentais na sociedade moderna, as formas culturais maiores serão «culturas de classe». [...] As culturas jovens coexistem portanto dentro da cultura da classe de que advêm.*

Adoptarei a definição de lazer de Dumazedier, considerando, como Clarke e Crichton e também Hendry, que, numa sociedade estruturada por relações económicas e sociais capitalistas, o lazer só poderá ser convenientemente analisado no contexto das suas relações e conflitos. Tão pouco encaro o lazer como uma área de opção individual livre: em geral as opções aparentam-se com as permitidas por um comando à distância – pode-se escolher somente entre o que já foi produzido e seleccionado pelos produtores, sem esquecer as barreiras económicas e culturais.

A combinação dos contributos mencionados da sociologia e da psicologia clarificará a contextualização da análise.

Contextualização do objecto e população em estudo

A investigação na Feira

Santa Maria da Feira é uma pequena cidade do Norte de Portugal com 630 000 habitantes. 52% está a trabalhar, o desemprego atinge os 4,7%, segundo dados de 2001 (Câmara Municipal... 2003). Mais de metade dos desocupados tem entre 15 e 43 anos. 62% ocupa-se no sector secundário – sobretudo calçado e cortiça. A Feira é uma de as zonas mais industrializadas do Norte, apesar de fechos recentes de grandes fábricas multinacionais que se deslocalizaram. 36,7% trabalha em serviços e apenas 2,3 % na agricultura. Os imigrantes representam 1,2% da população.

Socialmente caracteriza-se por baixos níveis de aprendizagem, o ensino secundário foi o limite para 83,4% e apenas 6,6% fizeram estudos de nível superior.

A população estudada, de 14 a 25 anos, representa aproximadamente 20% dos residentes.

A frequência da biblioteca, com níveis muito altos para o panorama nacional, é muito diversificada, tanto em idades como em género. Pude observar que tanto crianças da primária, acompanhados ou não pelas suas mães, como reformados aí acorriam ao longo do dia, sobressaindo os adolescentes nas tardes em que não há aulas. Os homens de meia-idade preferem os periódicos, os mais jovens dirigem-se para os computadores. Os pequenitos têm uma sala especial, às vezes continuam a usá-la «para ir à Net», quando crescem, por uma razão sentimental. A Net é objecto de grande apetência por parte dos mais jovens: num momento em que deixou de estar disponível, quase todos os que a utilizavam saíram.

Caracterização dos entrevistados

Demograficamente os 27 entrevistados repartiam-se da seguinte maneira: metade de 15 a 18 anos e uma outra de 19 a 24 anos; 12 entrevistados e 15 entrevistadas, uma proporção análoga à encontrada para a totalidade dos seus utilizadores (Teixeira, 2003). Quase todos estão a estudar, predominando estudantes do básico (14).

Um só trabalha, dois mais estudam e trabalham, uma busca o seu primeiro emprego.

Dezoito habitam na Feira, os outros em freguesias próximas. Encontramos um utilizador que vinha de uma cidade que possui uma biblioteca mas onde se cobra pela utilização da Internet.

Também foi entrevistado um imigrante africano, um outro do leste europeu não se pôde entrevistar por dificuldades de compreensão do português.

Analisando o nível de estudos de pais e mães verifica-se que predominam amplamente os de nível básico e menos que básico, 59,3 e 51,8% respectivamente. Apenas dois pais e duas mães são licenciados. Comparando estes valores com os característicos da região conclui-se que estes jovens pertencem a famílias com estudos mais elevados que a media (básico 83,4%, secundário 9,2%, complementar 0,4% e superior 6,6%).

No que toca às suas profissões pode observar-se que predominam os empregados dos serviços (28,6% das mães, 33,3% dos pais), os industriais ou comerciantes (10,7 e 3,7% respectivamente), e logo de seguida os operários (14,3 e 11,1%).

Comparando estes dados com os habituais no concelho nota-se uma subrepresentação de empregados do secundário e um peso maior de gente em camadas profissionais superiores.

A ocupação habitual dos seus tempos livres é muito diversificada: estar com amigos, 15 respondentes, praticar desportos e cinema, 8, passear e jogar em computador, 7, televisão e leitura, 6, ouvir música, 4, estar com namorados/as, 3, ir a centros comerciais, sair à noite, descansar, ir à biblioteca, desenhar ou pintar, todos com 2, visitar exposições de pintura, estar com a família, ir à igreja, ocupar-se dos seus animais de companhia, viajar, compor música em computador e ir à praia, com 1.

De notar que 2 entrevistados declararam que praticar desporto é o mesmo que estar com o seu grupo de amigos, praticam-no com eles. Assim estar com amigos é claramente a actividade que reuniu mais preferências, muito acima das demais, na linha do estudo da Universidade do País Basco (Dávila Balsera, 1989) e de Martínez Cassinelo (2000).

Não se pode, nesta amostra, encontrar diferenças de gosto configuradas por pertença de classe, à excepção da frequência de exposições de pintura, algo singular, claramente explicado pelo facto de a mãe do respondente ser artista plástica. Tão pouco se registaram diferenças de acordo com o género.

Somente duas mães e dois pais utilizam a Internet no seu trabalho, com três respostas positivas para usos das mães dedicados aos lazer e quatro para os pais, num total de quatro entrevistados. Assim estes jovens não possuem, em geral, práticas familiares que possam ter impulsionado o uso da Internet.

Conclusões

Para que usam a Internet?

A minha primeira surpresa foi verificar **que a maioria afirma usar pouco a Net para actividades de lazer**, valorizando-a sim para os trabalhos escolares. Referiram frequentemente que *não conseguiam separar actividades de lazer e de estudo muito claramente*.

É necessário sublinhar que se notou uma clara preocupação, quase geral, em fazer-me crer que não estavam a utilizar a Net para fins *ilícitos* ou *imorais*, embora não o tenham afirmado explicitamente (ver mais adiante *Liberdade de navegação*), defendendo que os computadores devem ser usados sobretudo para trabalhos da escola.

Confirmei junto das bibliotecárias que não é frequente os jovens navegarem por Sítios pornográficos. A biblioteca não possui filtros para a Internet mas pode monitorar os endereços que estão a ser acedidos, o que é do conhecimento dos utilizadores. Se detectarem algum caso, então intervêm solicitando ao leitor que não volte a navegar por ali.

Contudo a importância e frequência do uso do correio electrónico indicam uma utilização dirigida a formas de relação não delimitadas por relações escolares ou de trabalho mas sim de amizade e socialização. Este padrão de uso aproxima-se do encontrado por Sigalés e Mominó (2004).

Como finalidade mais frequente uma grande parte dos entrevistados, 9, utilizam a Net na biblioteca para trabalhos escolares, quase outros tantos, 7, para comunicar, 4 para ler as notícias e só 3 declararam que a diversão era a sua principal finalidade. Escolheram outros tipos de Sítios 6. A busca de emprego também é um objectivo para 2 entrevistadas, conhecer as actividades do município foi indicado por uma. Concretamente no caso dos motores de busca, metade visita-os regularmente, quase sempre o Google, às vezes o Yahoo, os outros usos mais referidos foram os Sítios de jogos e de notícias. Desportos e música foram apontados como segundas preferências de uns tantos, 6 e 4 respectivamente.

Como segunda actividade mais frequente de novo os motores aparecem encabeçando com 4 respostas em paralelo com os jogos, a música com 3 e os desportos com 2.

Neste ponto devo chamar a atenção para algo curioso: notei a maneira como se referiam às buscas que fazem e ao prazer que lhes associam, o que não parece ser muito frequente em modalidades de aprendizagem baseadas noutros recursos. A quantidade e diversidade de informação foram frequentemente referidos, assim como a rapidez na sua localização, o que naturalmente contribui para umas buscas mais sedutoras e onde têm uma sensação de maior liberdade de escolha de conteúdos. Um entrevistado declarou que sempre que busca algo para os seus estudos através da Internet acaba por ter muito mais trabalho, a quantidade de fontes obriga-o a redobrar esforços para tratar toda informação. O que contradiz a ideia de que a Net facilita as coisas. Isso, todavia, não era encarado como um problema mas sim como um desafio. Aqui de novo prazer e trabalho parecem misturar-se um pouco.

Como aspecto negativo há que ressaltar o facto de que o Sítio da biblioteca é quase desconhecido, com apenas 4 respostas indicando a sua utilização mas nunca para consultar o catálogo. Como raramente esteve a funcionar nos dias mais recentes, por problemas no servidor, isso pode ter condicionado as respostas.

O *chat* é regularmente utilizado por um terço dos jovens, sobretudo com amigos, às vezes com familiares, em alguns casos residentes no estrangeiro.

A quase totalidade, 23, utiliza regularmente o correio electrónico, 16 usam-no sobretudo para comunicar com os seus amigos, 2 com familiares e 5 com outras pessoas, às vezes professores.

As duas formas de comunicação, *chat* e correio, são as actividades mais frequentes, as quais Ling e Thrane (2002) denominam *socialização remota*. A necessidade de socializar, muito característica dos adolescentes, notou-se já nas preferências acima mencionadas.

Tentando separar *frequência de importância* apurou-se o seguinte:

Que importância atribuem àqueles usos?

O primeiro lugar foi atribuído aos motores e ao correio, com 8 respostas, as notícias e outras Webs com 3, o Chat com 2. A segunda actividade mais importante foi o correio, 4, e de novo os motores e outras Webs com 3, os jogos com 2.

Que emoções sentem?

Questionados sobre os sentimentos que experienciam enquanto utilizam a Internet, as suas respostas necessitaram alguma reflexão, a pergunta surpreendeu-os. A resposta

mais frequente foi *é uma coisa normal já estou acostumado*. O que associo ao já mencionado: não querer sobressair num panorama de *normalidade*, por um lado, e por outro ao estar a lidar com jovens já acostumados ao recurso àquelas tecnologias. Outras respostas apontam para a habituação, para uma nova rotina, para a satisfação por estar mais inteirado, mais integrado, outras ainda para a importância que atribuem à descoberta de coisas novas. Uma só reacção negativa: *põe-me nervosa, não gosto de estar em frente ao computador, é uma perda de tempo*.

Aqui é uma vez mais o papel socializador da Internet foi bastante referido pelos respondentes.

Que aprendizagem: formas, graus e locais?

A maioria deles utilizam a Net há 3 ou mais anos. Note-se que a nova biblioteca foi inaugurada há quatro anos.

Metade afirma ter aprendido a navegar sozinho, um quarto com amigos. Apenas 2 referências a aprendizagem mediante publicações especializadas ou com familiares.

A ausência da aprendizagem formal e da escola como formas de iniciação é notória, com apenas 3 referências, e 1 a um curso fora da escola. Alguns entrevistados referiram que tiveram aulas de informática mas que não aprenderam a usar a Net. Veremos que o uso na escola foi referido, mas não foi aí que as suas aprendizagens se iniciaram.

Mais de uma terça parte aprendeu a usar a Net na biblioteca, o que constitui, em minha opinião, um dos aspectos mais interessantes desta investigação.

Bem mais de metade afirma estar satisfeito com os seus conhecimentos para explorar a Net, um pouco mais de um quarto refere que gostariam de aprender algo mais, afirmação que deve todavia ser matizada – sintomaticamente uma entrevistada declarou: *também não sei o que poderia aprender mais...* O que está na linha do facto de que apenas 3 sabem utilizar estratégias de busca avançada, 2 deles conhecem somente o uso das aspas. Os outros nem sequer sabiam da existência de outras possibilidades.

Que formas de acesso?

Outras ligações estão acessíveis para a grande maioria, 21. Também consultam a Internet nas suas escolas 16 jovens, 2 a partir de casa dos seus amigos e apenas 1 a partir de casa de familiares e 1 outro a partir dum cibercafé. Contudo note-se que mais de metade, 17, declararam que a ligação que mais utilizam é a de a biblioteca. Só 1 tem ligação a partir de sua casa.

O peso financeiro associado aos acessos a partir de casa não foi abordado de maneira muito confortável, um jovenzito dizia-me que os seus pais tinham cancelado o acesso por... – esfregou os dedos.

Quais são as motivações para ir à biblioteca? A biblioteca como lugar de socialização? As motivações para utilizar a Internet preferentemente na biblioteca foram muito diversificadas, mas a mais referida, 6, foi o bom ambiente, a tranquilidade, o facto de que ninguém os perturba. *Aqui sinto-me em casa*. Confirma-se assim a visão dos que defendem que um ambiente acolhedor é uma das melhores medidas para atrair e cativar os utilizadores.

Seguiram-se a disponibilidade de vários computadores, 5, e a proximidade – se bem que haja muitos utilizadores que vêm de longe – assim como a gratuidade, ambas com 4, e por fim a ajuda do pessoal da biblioteca e a coexistência de outros recursos informativos, a possibilidade de encontrar-se com amigos, todos com 2.

Como segundas razões destacaram-se a coexistência de outros recursos, 5 respostas, com 2 a gratuidade; o apoio do pessoal e o bom ambiente, estar com amigos ou estar acompanhado ainda que por desconhecidos – *venho aqui para não ficar em casa sozinha* – com 1 resposta cada.

Uma terceira ordem de razões foi *que se está bem*, conviver com outra gente, 2 cada, ter muitos computadores, 2 também, e de novo a proximidade com pouca importância, 1 só indicação, o mesmo para a existência de outros recursos.

Apenas 2 jovens afirmaram não estar satisfeitos com o serviço de Internet. Os outros apontaram como aspectos a melhorar, por esta ordem, a ausência de alguns programas, como o Office ou de edição de imagem e som, 7, o tempo disponível para cada utilização (meia hora se há fila de espera), 6, e por fim o número insuficiente de computadores, 2. *Podemos orgulhar-nos de ter uma biblioteca assim, provavelmente há muita gente que gostaria mas não tem; há muita gente que gostaria de ter noutras cidades o que nós temos.*

Que utilização? Momentos preferidos, permanências, companhias

Três quartos dos entrevistados preferem usar a biblioteca para ir à Net em dias de trabalho, só 2 a utilizam toda a semana, 4 preferem-na ao sábado. Bem mais de metade aí fica de uma a duas horas por semana, de três a quatro horas fica uma quinta parte, de cinco a seis apenas 3 jovens.

De notar que a necessidade de socializar também aqui se manifesta: apenas 10 jovens usam sozinhos a Internet, 3 estão sempre acompanhados, 7 muitas vezes e outros tantos às vezes navegam acompanhados. Quando se navega não se está só.

Usam a Web de forma delegada?

Partindo da suposição que navegar na Rede não será uma capacidade muito difundida (30,3% de utilizadores em 2001, Abrantes e Piétte, 2003) os entrevistados foram questionados sobre se costumam procurar algo para terceiros. Curiosamente verificou-se que mais de metade navega a pedido de terceiros, o seja, o seu uso delegado é importante, ampliando assim o alcance da Web.

A Internet criou novos hábitos?

Dividiram-se mais ou menos em dois no que respeita a reconhecer que o uso de Internet mudou as suas vidas e criou novos hábitos. Notou-se alguma preocupação em que não serem considerados dependentes, por isso, às vezes começaram por negar a criação de novos hábitos para logo continuarem descrevendo novas actividades ou mudanças nas suas intensidades à medida que se entrava em pormenores.

Por outro lado notou-se também que o uso de Internet é algo já tão comum e incorporado nos seus quotidianos que se sente que agora não notam uma transformação dramática nas suas vidas, como já referi. mas declararam que a *Internet facilita os seus trabalhos escolares* – apesar do ponto de vista em contrário anteriormente mencionado. Outros aspectos das modificações introduzidas foram a *abertura a novas ideias*, passar mais tempo na biblioteca, ver menos televisão e usar menos o telemóvel, ler menos periódicos em papel ou escrever menos cartas.

Uma entrevistada confessou que há uns meses se considerava viciada na Net, até que o seu médico a proibiu de a utilizar tão intensamente, aconselhando-a a sair de casa. Agora afirma que o seu comportamento já mudou. O que está na linha de algumas investigações que se referem ao efeito de Internet sobre alguns utilizadores em fase de iniciação. Outra jovem referiu que se sente *protegida dos males* na biblioteca, *assim não estou a fazer coisas que não devo...*

Liberdade de navegação?

Questionados sobre se sentem algum tipo de limitação ou restrição ao uso que gostariam de fazer da rede, responderam que não. Além do mais, voltaram a enfatizar que não a usam para fines *inapropriados* – *eu não sou dessas que gosta de entrar em sítios assim esquisitos...*; ou: *há gente que abre sítios assim... sem mais nem menos... eu não.*

E se a Net não funciona?

Se por algum motivo não podem utilizar a Net voltam-se para outros recursos, sobretudo livros, isto não parece perturbá-los demasiado, excepto pelas datas de apresentação de trabalhos. Só 5 disseram que ficariam *frustrados*, uma *desesperada*. Um jovem foi contudo muito eloquente ao dizer que não poder usar à Net é o mesmo que *encontrar a biblioteca fechada*.

A maior parte deles continua a usar a Net na biblioteca durante as férias, da maneira usual em um pouco mais de metade dos casos. Não houve muita diferença comparando estas respostas com as obtidas quando questionados sobre as suas reacções se não puderam usar a Net nas férias: frustração foi a palavra recorrente. *Sinto-me vazio. Triste e limitado. Indignada. Como se perdesse alguma coisa.*

Consideram-se privilegiados?

Também não se consideram muito diferentes dos demais que não usam a Internet. Fiquei com a impressão de que tentavam afastar a imagem do viciado na Internet, como já referi. Pelo contrário, quase todos sublinharam que se sentem *normais* por ter acesso, somente 4 afirmaram que pensam que o acesso à rede os favorece face aos demais. Os outros crêem que as informações que estão aí também se podem colher nos livros ou nos periódicos com a diferença que tomam mais tempo, mas isso *não importa nada, somos todos iguais*.

Como relacionam a Net com outros recursos bibliotecários?

A quase totalidade dos utilizadores utilizam também outros recursos existentes na biblioteca, sobretudo livros, 21 respostas, mas também periódicos, 11, e apenas uma terça parte os audiovisuais. Mais de metade contudo usa mais a Net.

Como representam a importância social do acesso à Net a partir de uma Biblioteca Pública?

A gratuidade do seu uso foi enfatizada pois que *nem toda a gente pode aceder de casa*, essa foi a resposta mais frequente. A segunda resposta mais frequente foi a importância de estar familiarizado com o uso das novas tecnologias, para além do mais com o apoio do pessoal da biblioteca. Sentir-se entretido, passar bem o tempo, também foram referidos, contradizendo declarações de um uso exclusivamente instrumental, assim como que se trata de uma fonte de informação disponível sem restrições, ao invés do que sucede nas escolas, através da qual se aprende muito, muito útil para os trabalhos escolares. Foi atribuída uma alta valoração à acessibilidade em conhecer outras pessoas e outras culturas: é importante para *aproximar as pessoas*, incluindo os namorados que estudam em diferentes cidades. *A globalização existe, estamos dentro dela, o mundo tornou-se uma aldeiazinha*, a ligação ao mundo foi referida por 6 entrevistados. Uma forma de ganhar mais competências necessárias no mundo do trabalho foi referida também por mais de um entrevistado.

Uma biblioteca deve promover os espaços de leitura e o uso das novas tecnologias, afirmou um jovem, a Internet é percebida como um privilégio dos mais jovens, que sabem usá-la, uma forma de progresso. A biblioteca foi referida como um sítio para encontrar os seus amigos, frequentada por muitos jovens, um lugar tranquilo, seguro e para além do mais estamos aqui não estamos a fazer nada de mal. Frequentá-la é uma forma agradável de passar o tempo, num ambiente agradável, um bom sítio para socializar.

Sintetizando, destacarei como aspectos mais interessantes da investigação o facto de que a **biblioteca** se revelou um **importante local de aprendizagem do uso da Net**, suplementando as falhas no sistema de ensino e ampliando a gama de serviços oferecidos pela biblioteca. O seu papel social expande-se também através do uso delegado da maioria dos jovens.

O **bom ambiente**, as **possibilidades de socialização** presentes nas ferramentas de comunicação, na convivência com os demais e ainda em algumas formas de **iniciação à tecnologia**, acrescidas à **gratuidade**, parecem explicar que a ligação da biblioteca seja a mais utilizada.

Tal como noutras investigações, revelou-se o carácter social daquela ferramenta tecnológica que aproxima pessoas e que se utiliza em contextos de interacção social, o que contradiz o lugar comum de que a Net aliena e isola os seus utilizadores do mundo real.

Interessante pareceu-me também a preocupação em afirmar que a maneira como navegam é lícita e tem fins utilitários, que se trata de uma prática normal, que não estão a fazer nada de mal. O que interpreto como uma incorporação do discurso de senso comum sobre os efeitos nocivos da Net.

E se bem que a maioria afirma usar pouco a Net para actividades de lazer, reclamando um uso predominantemente escolar, o seu carácter de entretenimento acaba por ser referido para além de proporcionar formas de prazer e bem-estar às buscas para os estudos.

A isto soma-se o **efeito promocional de um uso cumulativo**, os que usam a Net também recorrem a outros recursos bibliotecários.

Resumindo com as palavras de um jovem: [A Internet] *é um entretenimento, uma forma de passar o tempo, de estarmos felizes.*

Certamente que continuar a apostar na oferta de serviços Internet à população jovem será uma forma útil e eficaz de atrair estas camadas leitoras às bibliotecas públicas, reforçando o seu papel social e cultural.

Para citar este artigo utilize:

SEQUEIROS, Paula. Ir à Net no tempo livre : apropriações juvenis da Rede no seio duma biblioteca pública. **Revista de Sociologia**. Porto: Instituto de Sociologia. ISSN 0872-3419. Nº 14, (2004) 389-409.

Bibliografia

ABRANTES, José Carlos; PIÉTTE, Jacques, coords. **Os jovens e a Internet: representação, utilização, apropriação: relatório final** [em linha]. [S.l.], Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2003? [consult. 2004-04-08].

BOURDIEU, Pierre. **La distinction**. Paris, Les Éd. de Minuit, 1979.

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTA MARIA DA FEIRA. Conselho Local de Acção Social. **Diagnóstico Sta. Maria da Feira**. Sta. Maria da Feira : Conselho Local de Acção Social, [2003?].

CLARKE, John; CRITCHER, Chas. **The devil makes work : leisure in capitalist Britain**. Houndmills: Macmillan, 1985.

DÁVILA BALSERA, Paulí, present. **Juventud, empleo y tiempo libre**. Bilbao: Servicio Editorial Universidad del País Vasco, 1989.

DUMAZEDIER, Joffre. **Revolution culturelle du temps libre : 1968-1988**. Paris, Méridiens Klincksieck, 1988. ISBN 2-86563-176-1.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologie empirique du loisir**. Paris, Seuil, 1974. ISBN 2-02-002785-2.

GERSHUNY, Jonathan. **Changing times: work and leisure in postindustrial society**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

GERSHUNY, Jonathan; FISHER, Kimberly. Leisure. In: HALSEY, A.H. and WEBB, Josephine, eds. **Twentieth-Century British Social Trends**. 3rd ed. Houndmills, Palgrave, 2000.

GIL, Adriana, [et al.]. **Nuevas tecnologías de la información y la comunicación o nuevas tecnologías de relación?** [em linha]. [Barcelona], UOC, 2003 [consult. 2003-11-09].

HENDRY, Leo B., et al. **Young people's leisure and lifestyles**. London : Routledge, 1993.

LING, Rich; THRANE, Kristin. **I don't watch TV to like learn anything : The Leisure Use of TV and the Internet**. First Monday [em linha]. 7(1) January 2002 [consult. 2004-07-08]. Disponível em: <http://firstmonday.org/issues/issue7_1/ling/index.html>.

MARTÍNEZ CASSINELLO, Rafael. **La cultura del ocio como factor de cambio intergeneracional** [em linha]. En: 6º Congreso Mundial de Ocio, Bilbao, 3 a 7 Julio, 2000. Bilbao, Universidad de Deusto, 2000 [consult. 2004-04-02]. Disponível em: <<http://www.ocio.deusto.es/formacion/ocio21/doc/P06143.doc>>.

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative evaluation and research methods**. 2nd ed. Newbury Park (CA), Sage, 1990.

PINO ARTACHO, Julio A. del; DUASO AGUADO, Alejandro; MARTÍNEZ CASSINELLO, Rafael. **Prácticas de ocio, cambio cultural y nuevas tecnologías en la juventud española de fin de siglo: explotación de los estudios 2221, 2265, 2269 y 2302 del Centro de Investigaciones Sociológicas**. Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas, 2001.

ROBERTS, Ken. The three societies of leisure. En: **New routes for leisure**. Congresso Mundial do lazer/World Leisure Congress, Lisboa, 3-5 de Junho de 1992. Actas. Lisboa: Inst. de Ciências Sociais da Univ. de Lisboa, 1994, pp. 429-442.

ROBERTS, Ken. **Contemporary Society and the growth of leisure**. London; New York : Longman 1978.

ROJEK, Chris. **Decentring leisure: rethinking leisure theory**. London, Sage, 1995.

SIGALÉS, Carles, dir.; MOMINÓ, Josep M., dir. **La escuela en la sociedad red : Internet en el ámbito educativo no universitario : Informe de investigación (documento de síntesis)** [em linha]. Barcelona : Universitat Oberta de Catalunya, 2004. Disponível em: <<http://www.uoc.edu/in3/pic>>

SILVERMAN, David. **Interpreting qualitative data : methods for analysing talk, text and interaction**. London : Sage, 1993.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet,. **Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory**. 2nd ed. Thousand Oaks: Sage, 1998.

SUE, Roger. **Temps et ordre social: sociologie des temps sociaux**. 2ème ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1995.

TEIXEIRA, Maria João Chaves de Morais. **A Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira e seus utilizadores**. Porto : ed. da a., 2003.

VIRNO, Paolo. **Gramática de la multitud** [em linha]. Madrid : Traficantes de Sueños, 2003 [consult. 2004-02-04]. Disponível em: <<http://www.nodo50.org/ts/editorial/gramática%20de%20la%20multitud.pdf>>.

WELLMAN, Barry, org. **Living Networked in a Wired World: The Persistence and Transformation of Community: Report to the Law Commission of Canada** [em linha]. [S.l.]: Wellman Associates, 2001 [consult. 2003-06-19].